



CHINEIZINHA

Para o meu irmão Jayme

Havia barbantes cruzando o quarto todo, formando uma intrincada teia. Alguns acabavam em um complexo sistema de roldanas. Puxando um dos barbantes, uma incrível plataforma feita de papelão se deslocava desde fundo daquele vale imaginário até as incríveis alturas do imenso monte que ia até o alto da porta do armário embutido. Puxando outra corda, um inesperado alçapão se abria sobre a plataforma. Isto permitia o acesso para que subisse nela, ou então para que um perigo surgisse caso as portas se abrissem, por erro da maquinaria ou por sabotagem de um inimigo, enquanto nossos personagens se deslocavam naquele curioso funicular. Uma mágica rede de diversos assuntos que precisavam ser sustentados com muito cuidado, sob pena de tudo cair e revelar a sua fragilidade. Tudo era armado com tanto cuidado, como quem planeja uma viagem para a Lua e tem que ser muito meticuloso e acadêmico. Aquela construção toda era uma verdadeira maravilha!

Mas não adiantava nada. Eu havia brigado com ele numa destas inúmeráveis disputas entre irmãos, destas que servem para que exercitemos nossa agressividade no mundo. Sentado no mesmo tapete azul, de costas para ele, eu tentava inventar uma história o mais incrível possível, para que ele morresse de inveja e assim eu destilasse um pouco de meu ódio. Afinal, como sempre, eu havia levado uma surra.

Todavia, sem que eu esperasse, uma voz grossa ecoou dentro de minha mente:

- Paiê! Esta brincadeira está muito chata!

Era aquele trapo de tricô, sujo e fedido, que eu havia colocado perfume para ver se melhorava o cheiro, o que, logicamente, havia piorado muito a situação. Ela tinha toda a razão. Não adiantava construir imaginariamente uma comunidade perfeita, nem inventar um terremoto que a destruísse e que me obrigasse a refazer tudo novamente. Não tinha a menor graça. Ela estava certa. Aquilo estava um saco!

Eu a chamava de Chineizinha. A princípio, aquele i e aquele z haviam aparecido por ignorância ortográfica mesmo, mas aos poucos esta palavra mal escrita deixou de ser um adjetivo designando uma nacionalidade, para se tornar um substantivo próprio.

Ela chegara às minhas mãos num dia em que tia Conchita deu para nós três bonequinhos de crochê que ela trouxera da China: duas bonequinhas e um lindo urso marrom. Como nem eu nem ele queríamos abdicar do simpático animal vindo de tão longe, que media aproximadamente uns quatro centímetros, foi tirada a sorte para saber quem ia ficar com o quê. Que raiva! Ele ficou com o grande prêmio. A Vanda ficou com a bonequinha maior (mais ou menos 6 cm), que estava sempre deitada de lado, apoiando sua cabeça com uma das mãos.

A minha boneca tinha uma toquinha rosa, um blusão amarelo com a borda verde e uma calça lilás. Acho que os sapatos eram marrons, mas me lembro bem das pequenas mãozinhas cor de pele na ponta das mangas do blusão amarelo, A pequena touca era arrematada com um pedaço de seda clara, onde estava pintada uma delicada face de chinesa em traços pretos. Esta cabeça oval era costurada no corpo da boneca.

Aos poucos, talvez devido a seus braços abertos, como que convidando para um abraço, eu fui depositando o meu afeto e parte de minha consciência naquela trouxinha de crochê, seda e algodão. E o amor infantil foi crescendo tanto e eu a beijava tanto, que um dia, já estando ela bastante suja, a seda da cabeça se rasgou.

Não me lembro bem, mas imagino que eu deva ter aparecido com lágrimas nos olhos, pedindo para minha mãe que salvasse minha Chineizinha em seu hospital de agulhas e linhas. A operação foi completa. Mamãe aproveitou para dar um banho naquele trapo sujo, colocou para secar no sol e costurou uma nova cabeça na minha bonequinha. Acho que nunca pinteí uma outra face para ela, ou se pinteí, ela logo desbotou. Não tardou muito e, aquela que já perdera a sua face, também perdeu de uma vez por todas a sua cabeça. Desta feita, minha mãe se recusou a consertar aquele chumaço sujo e sebento que eu insistia em beijar. Mas, mesmo sem cabeça, ela continuava a falar comigo, a olhar para mim e me convidar para brincadeiras incríveis. Afinal, a mula-sem-cabeça também solta fogo pelas ventas. Quanto à toquinha, não sei que destino tomou.

Pois agora eu estava ali, sentado de costas para ele, tentando me divertir com a Chineizinha sem cabeça, a Dona Coelha, que não tinha uma das orelhas, e meu Scot marinheiro, com seu uniforme todo amarfanhado e que havia perdido uma de suas mãos,

depois que eu descobri que elas se movimentavam, e, claro, o meu Topo Giggio, sem peruca, com a tinta original toda descascada, mas que eu tentara compensar, pintando o plástico com hidrocor azul para a calça e vermelha para a camisa curta, que deixava de fora a sua barriga. No meio de uma de suas aventuras, ele também havia perdido o seu braço direito, mas isso não dava nem para notar.

Do outro lado estava ele, soltando sons onomatopaicos, tentando animar seu cobiçado ursinho marrom, seu Scot sodado, todo engomadinho e seu Topo Giggio, ainda com toda a pintura original, sem nenhum rachadinho, que ele proibia de ser beijado e guardava com o maior cuidado. (Claro que havia o espírito dos Giggios, que encarnavam em nossas mãos, fazendo dos dedos indicadores e anulares suas pernas, aparecendo ou sumindo toda vez que fazíamos aquele som explosivo característico, expulsando o ar da boca com os lábios fechados. Estes Topos Giggios podiam ser beijados, surrudos ou amassados, sem maiores problemas, e o Giggio dele até que era bem legal.)

- Paiê! Esta brincadeira está muito chata! – insistia Chineizinha.

Então eu olhava de canto-de-olho para ele e percebia que ele também estava olhando disfarçadamente para mim, cheio de vontade de fazer as pazes. Aí resolvíamos acabar com a briga, em nome de algo muito maior, a brincadeira.

Pensando hoje nisto tudo, tenho a certeza de que a magia não estava na Chineizinha, nem no Giggio, muito menos na Dona Coelha. O que era encantador era brincar com ele.